

Dicionários bilingues de espanhol-português

Álvaro Iriarte Sanromán (Universidade do Minho)

1. Neste trabalho analisaremos sete dicionários bilingues de espanhol-português que podemos encontrar no mercado¹⁸². Tentaremos quantificar, de maneira aproximada, a informação recolhida nos mesmos, seguindo uma metodologia já utilizada noutras duas ocasiões para analisar dicionários monolíngues¹⁸³. É evidente que esta metodologia é questionável, nomeadamente no que se refere à quantificação dos dados. Mas é também justamente por ser refutável, falseável, que foi escolhida.

Serão objecto de análise os seguintes dicionários bilingues de espanhol-português:

— Martínez Almoyna, J., 1990, *Dicionário de Espanhol / Português*. Porto, Porto Editora; 1068 páginas; 21 cm. [aqui: Porto Editora 90]¹⁸⁴.

— Ortega Cavero, D., 1990, *Diccionario Portugués-Español / Espanhol-Portugués*. Barcelona, Ramón Sopena; revista e actualizada por J. da C. Fernandes [vol. II Espanhol-Português; 636 páginas; 26 cm.] [aqui: Sopena]¹⁸⁵.

— Garcia, Hamílcar de, 1998, *Dicionário português-espanhol, espanhol-português*. São Paulo, Globo [vol. Español-Portugués; 397 páginas; 28 cm.] [aqui: Globo].

— Marsá, V. e M. Ostojka Asensio (eds.), 2001, *Gran diccionario español-portugués, portugués-español*. Madrid, Espasa Calpe [vol. Español-Portugués; 635 páginas; 25 cm.] [aqui: Espasa].

— Moreno, F. y N. M. González (dirs.), 2003, *Diccionario Bilingüe de Uso: español – portugués / portugués – espanhol*. Madrid, Arco/Libros [Vol. I (español – portugués): XV, 891 páginas; 25 cm.] [aqui: Arco/Libros].

— López Varela, R. (dir.), 2005, *Diccionario Español-Portugués / Portugués-Espanhol*. León, Everest [vol. Español-Portugués; 467 páginas; 20 cm.] [aqui: Everest]¹⁸⁶.

— Iriarte Sanromán, Á. (coord.), 2008, *Dicionário de Espanhol-Português*. Porto, Porto Editora; 1376 páginas; 21 cm. [aqui: Porto Editora 08]¹⁸⁷.

¹⁸² *Declaração de interesses*: Fui o redactor e coordenador da equipa de redacção do *Dicionário de Espanhol-Português* da Porto Editora, que será também aqui analisado. O leitor saberá dar, se assim o entender, o devido “desconto”.

¹⁸³ A metodologia foi ensaiada no trabalho “Dicionários Codificadores”, em Sousa, C. M. de e R. Patrício (org.), 2004, *Largo Mundo Alumiado. Estudos em Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho; págs. 81-98.

Posteriormente também em “Dicionários Monolíngues da Língua Galega”, em *Revista Galega de Filoloxía*, 6 (2005), A Corunha: Universidade da Coruña; págs. 51-72.

¹⁸⁴ Para além das numerosas reimpressões que, desde 1959, a Porto Editora publicou até 2008, existe uma reimpressão publicada em Espanha pela editora catalã Biblograf, Biblograf-Vox, 1999, *Dicionário Geral espanhol-português*. Barcelona, Biblograf; ISBN 84-8332-051-7; 1068 páginas; 22 cm.

¹⁸⁵ “Publicado por la editorial barcelonesa Ramón Sopena en 1966 y revisado y puesto al día por Júlio da Conceição Fernandes en 1977. A partir de 1990, Sopena dejó, lamentablemente, de editar dicha obra –quizás la más rigurosa de todas sus congéneres– para, en 1996, pasar a publicar, con el título *Mega portugués: portugués-español / espanhol-português*, una inexplicable refundición sin criterio lexicográfico alguno” (Ponce de León, 2004).

¹⁸⁶ Existe uma versão publicada em Portugal: Lisma, 2005, *Dicionário Beta. Espanhol-Português/Português-Espanhol*. Lisboa, Lisma, 2005. ISBN: 978-972-8819-69-2; 926 páginas; 20 cm.

2. A macroestrutura

Começaremos a análise destes dicionários pela descrição da macroestrutura e de outros elementos paratextuais. Em primeiro lugar, contabilizaremos o número de verbetes que conformam a nomenclatura dos diferentes dicionários (*vd. infra* § 2.1.). Seguidamente (*vd. infra* § 2.2.), tentaremos quantificar outros elementos da macroestrutura, nomeadamente: introduções ou prefácios de tipo metalexigráfico, guias ou indicações para ajudar a consulta, abreviaturas e símbolos utilizados, anexos, suplementos ou introduções (de tipo gramatical, onomástico, etc.), ilustrações, informações bibliográficas, etc.

2.1. Número de verbetes

Nem todos os dicionários informam sobre o número de verbetes recolhidos na nomenclatura. No caso dos dicionários Sopena e Everest, o número corresponde à metade dos verbetes que os editores afirmam conter os dois volumes (ou as duas partes) do dicionário (Espanhol-Português e Português-Espanhol). Trata-se, portanto, de um valor aproximado. No caso dos dicionários Globo e Espasa, realizámos uma contagem dos verbetes contidos em 10 páginas seleccionadas aleatoriamente e, a partir dessa informação, estabelecemos um número de verbetes aproximado.

Embora reconheçamos a pouca precisão na contagem do número de verbetes recolhidos em cada dicionário, e apesar de esta ser uma informação muito utilizada no marketing editorial, queremos chamar a atenção para o facto de que mais importante (de maneira especial para este par de línguas, tão próximas) do que o número de verbetes é o número de acepções recolhidas nos artigos lexicográficos (*vd. infra* § 3.2.1), assim como a quantidade de expressões pluriverbais formadas pelo lema em combinação com outras palavras, em forma de subentradas (*vd. Infra* § 3.2.8). Neste sentido, repare-se que o dicionário Arco/Libros é um dos melhores dicionários apresentados, apesar de que, pelo número reduzido de entradas recolhidas, poderia pensar-se que nem sequer se justificaria a sua inclusão no grupo de obras aqui analisadas.

O seguinte gráfico representa, de maneira aproximada (insistimos), os milhares de verbetes recolhidos em cada dicionário:

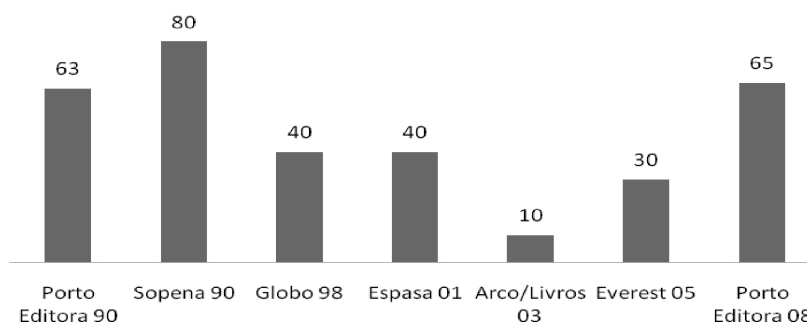


Gráfico 1 - Nomenclatura

¹⁸⁷ *Vd. supra* nota 1.

2.2. Outros elementos da macroestrutura

Para além da nomenclatura, contabilizámos também outros elementos da macroestrutura, nomeadamente:

- a) Introduções, prefácios, etc. (com conteúdo metalexigráfico, que ultrapassem a mera introdução editorial de circunstância);
- b) Guias de uso ou indicações para a consulta;
- c) Listagens ou quadros de abreviaturas, símbolos, etc.;
- d) Anexos, apêndices ou suplementos;
- e) Ilustrações;
- f) Informações bibliográficas

Foi atribuído 1 valor às introduções ou prefácios com conteúdo metalexigráfico. Às meras introduções editoriais de circunstância foram atribuídos 0,5 valores.

No que se refere à informações bibliográficas, somará 1 valor a presença das seguintes informações: coordenador (0,2), redactor (0,2), revisor/redactor (no caso de novas edições) (0,2), ano da 1ª edição (0,1), ano da edição (0,1), cidade (0,1), editora (0,1). Evidentemente, nos casos em que estas informações não se aplicarem, o valor em causa não será subtraído ao valor final.

Eis o gráfico que representa a informação recolhida na macroestrutura de cada dicionário:

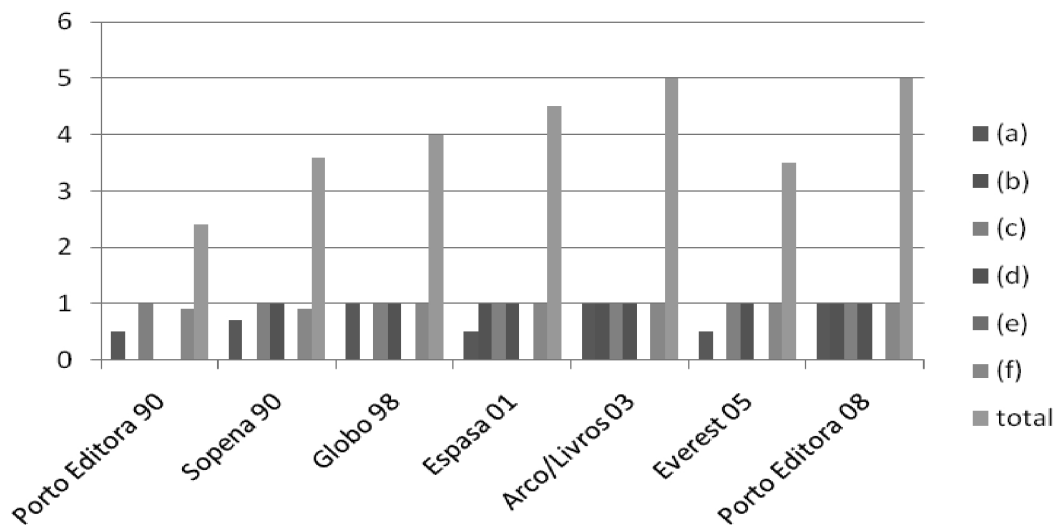


Gráfico 2 – Macroestrutura

3. A microestrutura

3.1. *Artigos lexicográficos analisados*

Para realizarmos a análise da microestrutura dos dicionários, seleccionámos os seguintes lemas, tomados de um corpus dos 5.000 lemas mais frequentes em espanhol (Almela, Cantos, Sánchez, Sarmiento y Almela, 2005)¹⁸⁸:

- a) 15 palavras lexicais, ou plenas¹⁸⁹, das quais:
 - 5 substantivos¹⁹⁰: *año, vez, día, país, cosa*.
 - 5 verbos¹⁹¹: *decir, poder, ir, dar, ver*
 - 5 adjetivos¹⁹²: *todo, otro, bueno*¹⁹³, *primero*¹⁹⁴, *mismo*.
- b) 8 palavras gramaticais ou funcionais:
 - 3 verbos: *ser, haber, estar*.
 - 2 advérbios: *no, más*.
 - 2 pronomes: *se, su*¹⁹⁵.
 - 1 artigo: *el*.

É de destacar, pela negativa, o facto de o dicionário Globo não recolher na sua nomenclatura os artigos correspondentes aos lemas **día** e **vez**.

3.2. Variáveis analisadas

Nos artigos lexicográficos correspondentes a estes 23 lemas acima referidos serão contabilizados aspectos como:

- Número de aceções e equivalentes na língua de chegada¹⁹⁶;
- Informação sobre combinatória lexical (número de subentradas, expressões pluriverbais formada pelo lema mais outras palavras);
- Informação sobre pronúncia (transcrição fonética ou figurada);
- Exemplos e abonações;

¹⁸⁸ Almela, R.; P. Cantos, A. Sánchez, R. Sarmiento y M. Almela, 2005, *Frecuencias del español. Diccionario y estudios léxicos y morfológicos*. Madrid, Universitas: “ANEXO II: Los 5.000 lemas más frecuentes ordenados alfabéticamente”, disponível em <http://www.um.es/lacell/proyectos/dfe/a2> (09/09/2009).

¹⁸⁹ Limitar-nos-emos a distinguir dois grandes grupos: o das palavras lexicais, ou plenas, e o das palavras gramaticais, ou funcionais. Entendemos estas últimas como as palavras que cumprem, em parte ou inteiramente, funções meramente estruturais ou gramaticais e que não têm um significado lexical ou que é difícil de precisar.

¹⁹⁰ Excluímos *deber*, com índice de frequência maior do que *país* e *cosa*, devido a que na versão do *corpus* a que tivemos acesso não foi possível esclarecer se se tratava do lema correspondente ao verbo ou ao substantivo (ou a ambos).

¹⁹¹ Apesar do frequente uso em funções gramaticais dos verbos *ir* e *dar*, (*ir a comer, dar un paseo*), decidimos incluí-los neste grupo e não no das palavras funcionais. As aceções com estes valores serão também contabilizadas, evidentemente.

¹⁹² Salvo no caso dos verbos/substantivos (*poder, ser, etc.*), uma vez seleccionados estes lemas, serão analisadas também as aceções correspondentes a outras categorias gramaticais (advérbios, pronomes), devido aos distintos tratamentos que recebem nos diferentes dicionários.

¹⁹³ Contabilizámos também a informação do artigo correspondente à forma apocopada *buen*.

¹⁹⁴ Contabilizámos também a informação do artigo correspondente à forma apocopada *primer*.

¹⁹⁵ Contabilizámos também a informação do artigo correspondente à forma plena *suyo*.

¹⁹⁶ Surpreendentemente (uma vez que estamos a falar de dicionários bilingues), em alguns dos dicionários analisados, nem sempre se apresentam equivalentes na língua de chegada a cada uma das aceções da língua de partida. São muito frequentes, especialmente no dicionário *Porto Editora 90*, artigos com definições ou explicações das diferentes aceções da palavra espanhola que não fornecem o correspondente equivalente em português.

- Informação gramatical (informações, restrições ou explicações ortográficas, — morfológicas, sintácticas, semânticas, lexicais, etc.);
- Informação pragmático-contextual;
- Informação enciclopédico-cognitiva (marcas de áreas de conhecimento, informação cultural, etc);
- Remissões (*vd.*, *cf.*, etc.) [envios para sinónimos, variantes, falsos amigos, etc.].

Nem sempre é fácil estabelecer os limites entre cada um destes tipos de informação, nomeadamente no que se refere às marcas de uso com que os dicionários informam sobre a adequação de uma palavra ou expressão pluriverbal a uma situação comunicativa concreta. Isto poderá ter consequências no cômputo final que originará cada um dos gráficos apresentados. Insistimos, por isso, no facto de os dados quantitativos apresentados serem sempre aproximados.

3.2.1. Número de acepções da língua de partida

Nem sempre é fácil delimitar e contabilizar o número de acepções da língua de partida recolhidas num dicionário (assim como os equivalentes correspondentes na língua de chegada). Esta dificuldade, ou talvez impossibilidade, em contabilizar o número de acepções reflecte a natureza não discreta do fenómeno do significado, no sentido de que os significados não são como as coisas, entidades separáveis, contáveis (*cf.* Silva, 1997: 587-588)¹⁹⁷. Aqui também, como no caso do número de verbetes, mais importante do que o número de acepções será o tratamento e o desenvolvimento que é dado a cada uma delas: uma dúzia de equivalentes separados por ponto e vírgula não terão o mesmo valor que 10 ou 12 propostas de equivalentes bem delimitadas, acompanhadas de definições ou explicações, informações gramaticais, restrições de uso, etc.

Contudo, e apesar de sermos conscientes de que estamos a favorecer os dicionários que se limitam a apresentar uma série de equivalentes ou sinónimos separados por ponto e vírgula, preferimos utilizar este critério para a quantificação dos dados, por ser puramente formal, do que outro, mais orientado para à qualidade das definições e eventualmente mais justo, mas também mais subjectivo e, por isso, mais difícil de ser contrastado.

Pela mesma razão, alertamos para o facto de que não serão tidos em linha de conta a ausência de equivalentes, assim como a presença de equivalentes errados, incompletos ou desactualizados (e não marcados como tais), devido às dificuldades que a quantificação desses dados colocaria, especialmente por causa do desigual tratamento dado nos dicionários aos equivalentes a que nos referimos no parágrafo anterior.

Pelas duas razões que acabamos de expor, assumimos que este é um dos pontos mais criticáveis deste trabalho, em que se destaca como o dicionário com maior número de acepções o Sopena, dicionário que se limita a amontoar, separados por ponto e vírgula, uma série de equivalentes, por vezes até repetidos¹⁹⁸, sem nenhum tipo de explicações, de restrições de uso, etc. A qualidade dos equivalentes fornecidos por estes dicionários bilingues, assim como a quantificação do número de acepções, mereceria um outro estudo, com um tratamento mais qualitativo do que quantitativo.

Eis a seguir o gráfico correspondente ao número de acepções da totalidade dos artigos lexicográficos correspondentes aos 23 lemas seleccionados:

¹⁹⁷ Relacionado com isto está a questão, que aqui deixaremos de lado, do tratamento que os dicionários dão às palavras, como sendo polissémicas ou homónimas.

¹⁹⁸ *Vd.*, por exemplo, *s.v.* **ver**.

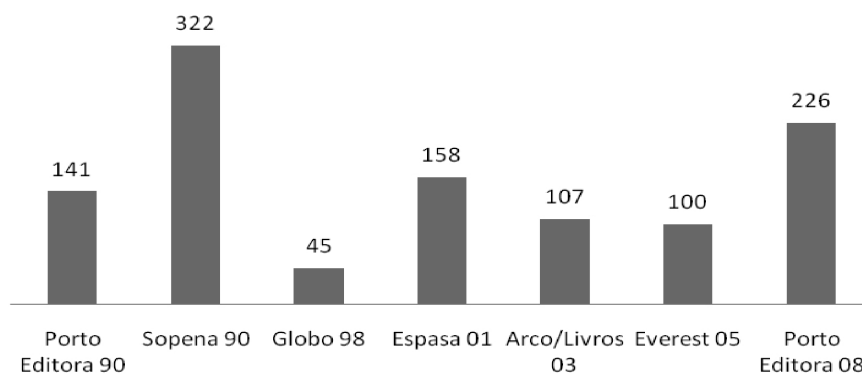


Gráfico 3 - Acepções

3.2.2. Combinatória lexical

Qualquer combinação pluriverbal poderia constituir uma entrada num dicionário (pense-se, por exemplo, no caso de *bilhete de identidade*, incorporado na nomenclatura do *Dicionário da Academia*¹⁹⁹ sob a forma **bilhete-de-identidade**, puro artifício que parece não visar senão uma solução para o problema da sua lematização²⁰⁰. Contudo, no que se refere à combinatória lexical, as vantagens da unidade palavra²⁰¹ como lema são claras, nomeadamente nos dicionários tradicionais em formato não electrónico. Neste tipo de dicionários, qualquer unidade pluriverbal²⁰² deverá ser registada, em forma de subentrada, sob uma ou mais entradas das várias palavras lexicais que compõe a expressão pluriverbal²⁰³, correspondendo assim ao que Cowie (1983: 99) chama “expectativas conservadoras dos usuários comuns dos dicionários”.

Os dicionários de língua, em geral, e particularmente os dicionários bilingues, os dicionários de sinónimos e de antónimos, os dicionários terminológicos (especialmente os plurilingues) e os dicionários ideológicos tradicionais apresentam uma visão redutora dos significados das palavras que recolhem ao não considerar, na descrição das aceções das mesmas, as relações sintagmáticas que umas palavras estabelecem com outras para actualizar os diferentes sentidos.

Com efeito, muito frequentemente, os dicionários apresentam como aceção de uma palavra o que, em rigor, é o significado dessa palavra combinada com outras palavras. Pense-se no exemplo “ter bom ouvido”, como aceção de **ouvido**, nos dicionários portugueses *Porto Editora*²⁰⁴, *Aurélio*²⁰⁵ e *Caldas Aulete*²⁰⁶, por exemplo, em que inclusive se registam contradições, pois o mesmo significado ('aptidão para captar com relativa precisão sons musicais') é atribuído tanto à palavra “ouvido” como à expressão “ter bom ouvido”, que

¹⁹⁹ Casteleiro, J. Malaca (coord.) (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.

²⁰⁰ *Vd.* Iriarte Sanromán (2004: 87, nota 17).

²⁰¹ No sentido em que um falante corrente entende intuitivamente o termo: conjunto delimitado por dois espaços em branco, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen.

²⁰² Contudo, o tratamento não será o mesmo para as expressões idiomáticas, para as *colocações*, etc. (*vd.* Iriarte Sanromán, 2001: § 4.5 e § 5.4).

²⁰³ Werner (1982: 224-229) apresenta vários argumentos para defender que o lema deverá corresponder à unidade palavra.

²⁰⁴ Costa, J. Almeida e A. Sampaio e Melo (1998) *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. Porto: Porto Editora; 8ª edição.

²⁰⁵ Ferreira, A. Buarque de Holanda (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2ª edição, 20ª impressão.

²⁰⁶ Aulete, F. J. Caldas (1987) *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Editora Delta; 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes.

aparece como locução no fim do artigo. Tais acepções são, de facto, combinações lexicais que deveriam ser registadas, em forma de subentradas, na parte sintagmática ou combinatória do dicionário²⁰⁷.

Os dicionários bilingues, ao excluir as possibilidades combinatórias das palavras, estão, implicitamente, a pressupor a existência de um paralelismo na organização léxico-semântica e sintáctica das duas línguas. É a língua concebida apenas como um conjunto de etiquetas (palavras) que se combinam por meio de regras gramaticais, a língua concebida como uma nomenclatura em que as unidades se justapõem, e não como uma estrutura em que se estabelecem relações (Saussure, 1992: 214).

Em casos de línguas tão afins como o espanhol e o português, com um vocabulário muito semelhante, e até com regras gramaticais também muito próximas, a diferença entre ambas está justamente na combinatória lexical e no uso pragmático-contextual que se faz deste vocabulário “quase” comum.

Apresentamos a seguir o gráfico relativo ao tratamento da combinatória lexical nos dicionários analisados:

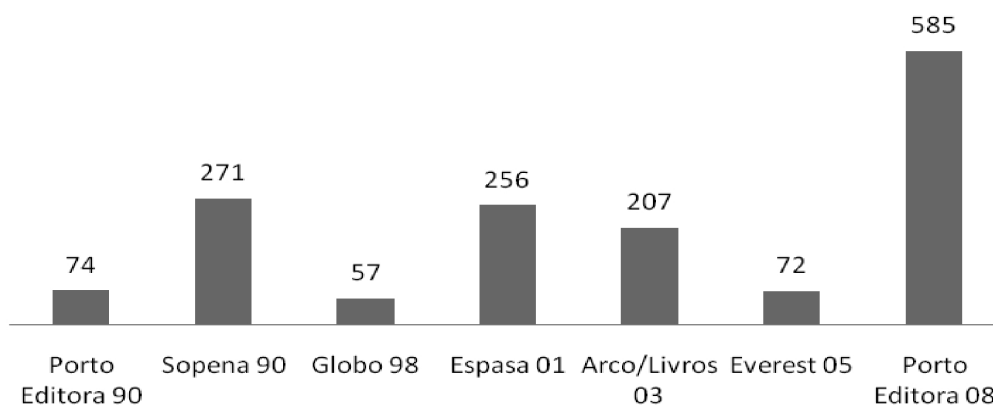


Gráfico 4 — Combinatória lexical

3.2.3. Informação sobre pronúncia (transcrição fonética ou figurada)

Em termos quantitativos, para a elaboração deste gráfico, atribuímos 2 valores à transcrição fonética de cada lema, 1 valor à pronúncia figurada e 1 valor para determinados desenvolvimentos de tipo gramatical sobre alguns aspectos da pronúncia. Para a elaboração dos totais (*vd. infra* gráficos 11 e 12), os valores relativos à informação sobre a pronúncia serão somados aos quantitativos relativos à informação gramatical.

²⁰⁷ Estas combinações pluriverbais deverão ser recolhidas (por ordem alfabética) no fim do artigo lexicográfico, porque nem sempre é possível associar uma expressão pluriverbal a uma determinada acepção do lema.

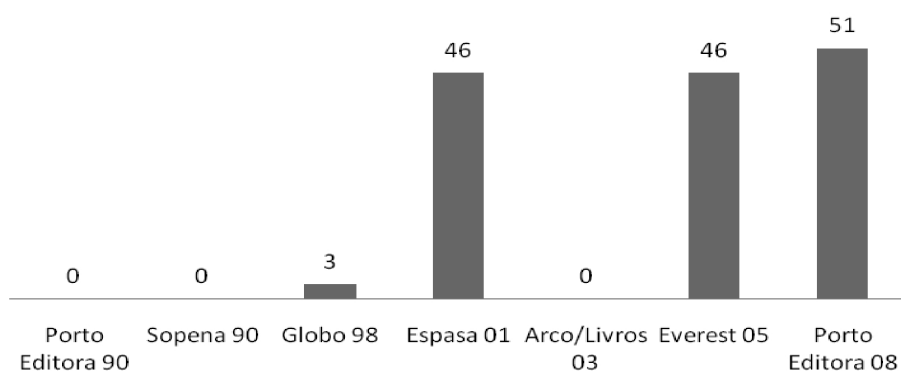


Gráfico 5 — Pronúncia

3.2.4. Exemplos e abonações

Os exemplos e as abonações podem ser muito ricos em informação morfológica, sintáctica, combinatória, semântica, enciclopédica, pragmática, estilística, etc. No dicionário bilingue podem ser especialmente úteis quando não há uma coincidência na categoria gramatical dos equivalentes.

Também neste caso não é fácil delimitar e contabilizar o número de exemplos: como é que devemos contabilizar casos como: *fazer um edifício, fazer uma piscina, fazer um estádio*, por um lado, e *fazer um edifício, uma piscina, um estádio*, por outro?

Eis a seguir o gráfico correspondente ao número de exemplos da totalidade dos artigos estudados:

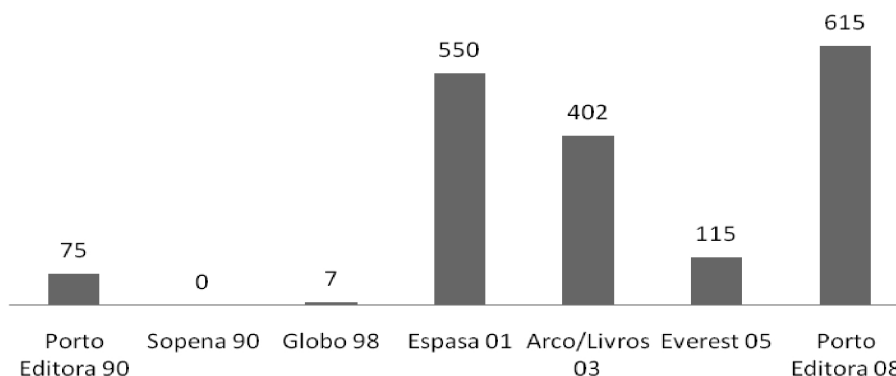


Gráfico 6 - Exemplos e abonações

3.2.5. Informação gramatical

Contabilizámos neste grupo informações ou restrições de carácter ortográfico, morfológico, sintáctico ou semântico registadas nos artigos lexicográficos estudados, nomeadamente:

- a informação sobre a categoria (ou subcategoria) gramatical do lema²⁰⁸;
- informação ortográfica;
- informação morfológica (por exemplo, a formação do plural ou do feminino, modelos de conjugação verbal, etc.);
- restrições à combinação sintáctico-semântica das palavras (por exemplo, *falso techo* = tecto falso, *hablar de* = falar em/falar de, etc.);
- etc.

A informação sobre relações semântico-lexicais como a sinonímia, antonímia, homonímia ou paronímia será recolhida e contabilizada em § 3.2.8.

A maior parte da informação gramatical aqui registada refere-se à indicação da categoria gramatical do lema, cuja presença nas obras lexicográficas, em forma de abreviaturas, é quase unânime nos dicionários existentes. Pensamos, contudo, que as categorizações gramaticais podem vir a ter pouca utilidade para os utilizadores normais dos dicionários, em grande parte desconhecedores deste tipo de terminologia. Estes utilizadores ficarão mais elucidados com os exemplos do que com este tipo de abreviaturas.

Atribuiremos, por isso, 1 valor a cada ocorrência de abreviaturas com informação sobre a categoria gramatical do lema e 2 valores para as outras informações acima referidas.

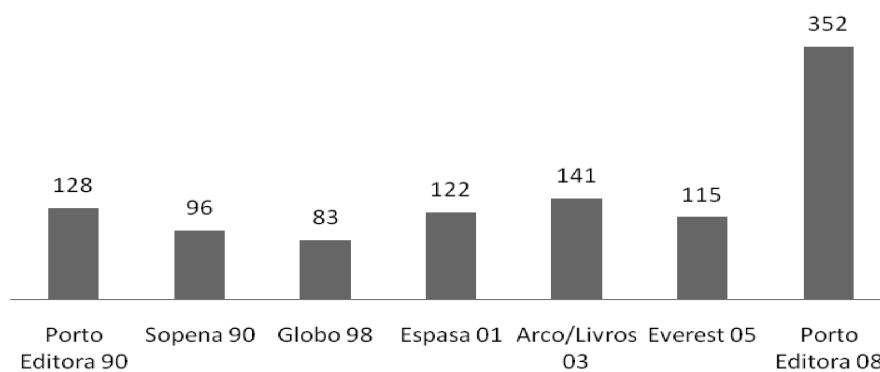


Gráfico 7 - Informação gramatical

3.2.6. Informação pragmático-contextual

Contabilizámos aqui informações como:

— actos de fala: (pense-se por exemplo nas “marcas” do tipo *usado para cumprimentar*, etc., que ilustram a função ou intenção retórico-comunicativa).

— informação sobre variações formais deliberadas (estruturais ou textuais), etiquetadas na tradição lexicográfica com marcas de uso como: COLOQ., POÉTICO, FORMAL, etc.

— informação relativa às variações sócio-linguísticas e etno-linguísticas, marcadas na tradição lexicográfica normalmente com abreviaturas como: ARC., CAL., FAM., INF., POP.

— variações diacrónicas, registadas nos dicionários com marcas como ARC., ANTIGO, NEOLOG.

²⁰⁸ A indicação da categoria gramatical do lema é uma presença nas obras lexicográficas a que nos têm habituados os dicionários existentes e que a maior parte dos autores considera imprescindível. Noutro lugar já falámos (Iriarte Sanromán, 2003) sobre a pouca utilidade que as categorizações gramaticais podem vir a ter para os utilizadores.

— informação sobre gestos que acompanham determinados enunciados ou enunciados que acompanham determinados gestos (pense-se, por exemplo, na informação sobre o uso da fórmula de cortesia “*com licença*”, empregue quando o falante vai rasgar um papel ou abrir um envelope à frente do interlocutor, ao desligar o telefone, etc.).

— etc.

A maior parte desta informação é recolhida nos dicionários em forma de etiquetas, ou marcas²⁰⁹, utilizadas para informar sobre determinadas particularidades de uso de uma unidade lexical: variantes diastráticas (ou sociais), diafásicas (ou expressivas), conotativas (ou de uso), etc. Estas marcas, ou etiquetas, podem apresentar-se sob a forma de abreviaturas ou, cada vez mais frequentemente nos dicionários modernos, na sua forma plena.

Na nossa avaliação damos grande importância aos sistemas de marcas ou etiquetas usados pelos dicionários. Somos conscientes de que, no uso destas marcas, há um alto grau de indefinição assim como muito de pura inércia ou do que poderíamos chamar de “tradição” lexicográfica²¹⁰. Muito frequentemente, o seu uso vai depender da própria intuição do lexicógrafo, de critérios totalmente subjectivos ou mesmo de preconceitos do lexicógrafo (que dependem da idade, origem, ideologia, etc.). Contudo, este sistema de etiquetas ou marcas, embora impreciso ou até pouco rigoroso, é sempre útil para o usuário e, em geral, para a descrição lexicográfica de uma língua, porque ajuda a simplificar esse *continuum* a que chamamos léxico, em que podemos encontrar graus de “familiaridade”, de “coloquialidade”, etc.

Por isso, e apesar das críticas de que são alvo, pensamos que a informação fornecida por um bom sistema de marcas poderá ser muito útil, especialmente nos chamados dicionários codificadores (orientados para a produção textual). Um sistema de marcas não é, *a priori*, mais imperfeito ou incompleto do que uma definição. Para além de concebermos a definição como fazendo parte do conjunto de marcas (num sentido mais lato), podem existir bons e maus sistemas de etiquetagem e boas (no sentido mais pragmático de ‘úteis’) e más definições.

A seguir apresentamos o gráfico correspondente à informação de tipo pragmático recolhida na totalidade dos artigos estudados:

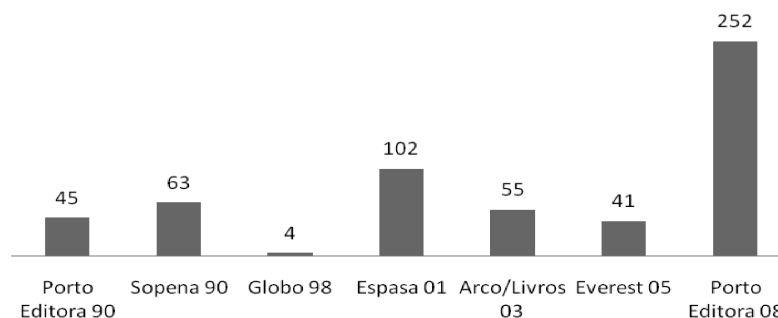


Gráfico 8 - Informação pragmática

²⁰⁹ Usamos aqui o termo “marca” num sentido mais lato do que “marca de uso”. Em trabalhos anteriores utilizei o termo e o conceito “etiqueta”.

²¹⁰ Um caso especialmente interessante é o do uso da marca FIG: Muitas vezes, algumas acepções de adjectivos, substantivos ou verbos que, junto com outra palavra, formam uma colocação (uma combinação lexical restrita) são descritas lexicograficamente como acepções ou sentidos figurados (ou impróprios, ou translaticios), quando, em rigor, são acepções cujo valor apenas é actualizado quando esta palavra se combina com outras (muitas o poucas, mas sempre em número limitado). Pense-se, por exemplo, em casos como *café forte*, *amor cego*, *ódio mortal*, etc. Do ponto de vista lexicográfico, mais importante do que o carácter metafórico de *forte*, *cego* ou *mortal*, é o facto de estas palavras adquirirem tais valores quando combinadas com *café*, *amor* e *ódio*. (vd. *supra* § 3.2.2).

3.2.7. Informação enciclopédica e de especialidade

Contabilizaremos aqui abreviaturas ou marcas relativas às áreas de conhecimento, matéria ou especialidade, assim como qualquer informação sobre usos tecnolectais.

Aplicam-se também aqui as reservas que foram feitas sobre o tratamento lexicográfico das marcas de uso (*vd. supra* § 3.2.6): muito frequentemente, o seu uso baseia-se mais na intuição do próprio lexicógrafo do que numa sistematização rigorosa, para além de que nem sempre é fácil distinguir quando uma acepção pertence à língua geral ou a uma língua de especialidade.

Contudo, este tipo de informação sobre a mudança da área de conhecimento não é uma questão menor na descrição lexicográfica de uma palavra (definição, contexto de uso, restrições combinatórias, etc.). Antes pelo contrário: frequentemente traz consequências tanto a nível semântico como a nível de combinatória lexical, porque as diferentes acepções da palavra seleccionarão frequentemente lexemas diferentes nas suas combinações lexicais. Pense-se, por exemplo, no caso da acepção de *ovo* como ‘alimento’, dentro do marco de referência da linguagem quotidiana ou da alimentação (em que *ovo* combina com palavras como *dúzia*, *estrelado*, *gema*, *bater*, etc.), e de *ovo*, no sentido de ‘célula’, dentro do marco de referência da Biologia (em que *ovo* combina com *eclodir*, *núcleo*, *segmentação*, *germinação*, etc.).

Será também contabilizada a eventual informação enciclopédica contida nas definições²¹¹ ou explicações (sempre que estas não sejam apresentadas em substituição de verdadeiros equivalentes da língua de chegada).

Como se pode observar no gráfico apresentado, nenhum dos dicionários analisados fornece muita informação deste tipo, talvez devido a que os lemas seleccionados são palavras frequentes e correntes na língua:

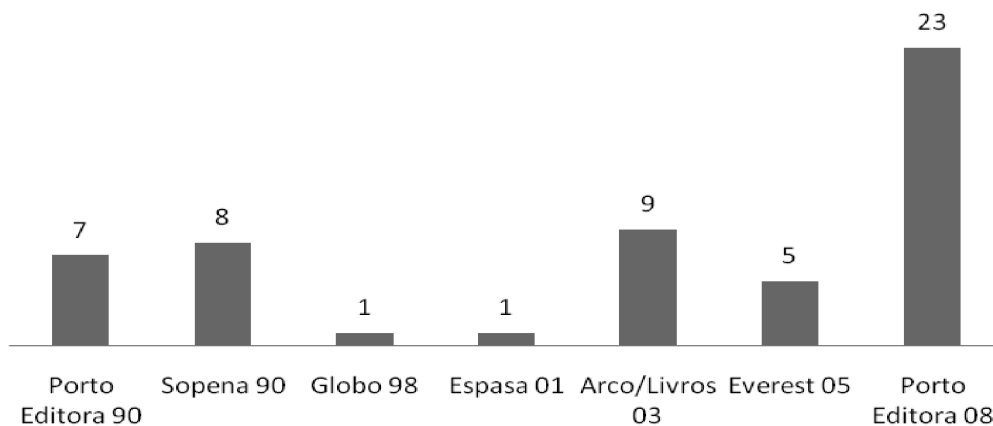


Gráfico 9 - Informação enciclopédica

²¹¹ Definições claramente de tipo funcional (para que serve ou quando se utiliza aquilo que se está a descrever), definições contendo nomes próprios, etc. são exemplos de conteúdos claramente enciclopédicos. Sobre a distinção entre obras de carácter lexicográfico e de carácter enciclopédico, *vd.* Haiman (1980) e Frawley (1981).

3.2.8. Remissões

É recolhida aqui informação sobre relações semântico-lexicais como a sinonímia, antonímia, homonímia ou paronímia.

Não serão contabilizados os sinónimos que são apresentados como propostas de equivalentes. Fornecer uma série de sinónimos como equivalentes de uma determinada acepção de um lema da língua de partida, sem nenhum tipo de informação sobre restrições de uso (contextual e co-textual), está longe de ser a melhor solução lexicográfica para os dicionários bilingues. Por isso, e dada a dificuldade de estabelecer uma fronteira clara entre o que é o bom uso e o abuso da informação sinonímica nos dicionários bilingues, não contabilizaremos o que poderíamos chamar sinónimos da língua de chegada.

O facto de, com relativa frequência, não existir total correspondência entre as acepções da unidade lexical da língua de partida e os equivalentes fornecidos para a língua de chegada é uma poderosa razão para considerarmos o sistema de remissões (por meio de abreviaturas como *cf.*, *vd.* ou de qualquer outra convenção) como uma mais-valia muito importante nos dicionários bilingues. Pense-se, por exemplo, na sua importância para o tratamento dos falsos amigos (totais ou parciais).

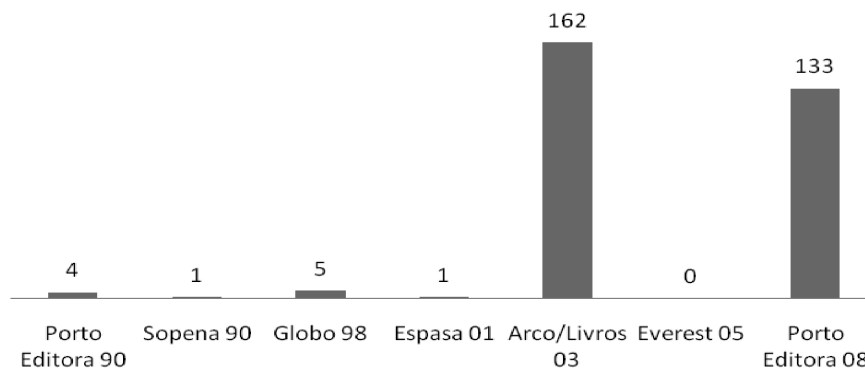


Gráfico 10 - Remissões

4. Conclusões

Apresentamos a seguir dois últimos gráficos com a soma, em forma de percentagem, dos valores de todos os quantitativos recolhidos acima. Para isso, decidimos igualar a 100 o maior valor registado (e não o somatório dos valores registados na totalidade dos dicionários analisados) e a partir dele estabelecer as percentagens²¹².

Evidentemente, e como já advertíamos no início deste trabalho, este resultado final é sempre questionável, mas é um bom exercício de comparação, que em qualquer momento poderá ser contrastado e contestado por outros trabalhos e outras formas de medida.

²¹² Agradeço aos Doutores José João Almeida e Alberto Simões, do Departamento de Informática da Universidade do Minho, as suas sugestões e comentários para a elaboração do quadro com os valores totais. Evidentemente, os eventuais erros ou faltas de exactidão são da minha inteira responsabilidade.

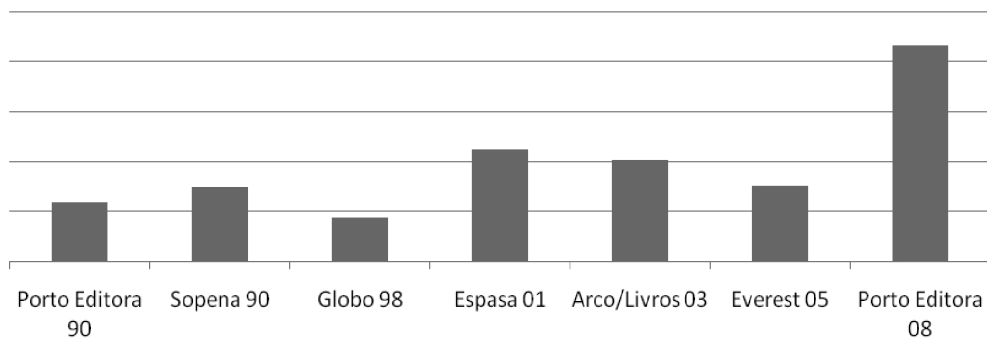


Gráfico 11 - Totais

Reordenamos agora os resultados para que o leitor possa assim apreciar e comparar melhor os resultados finais:

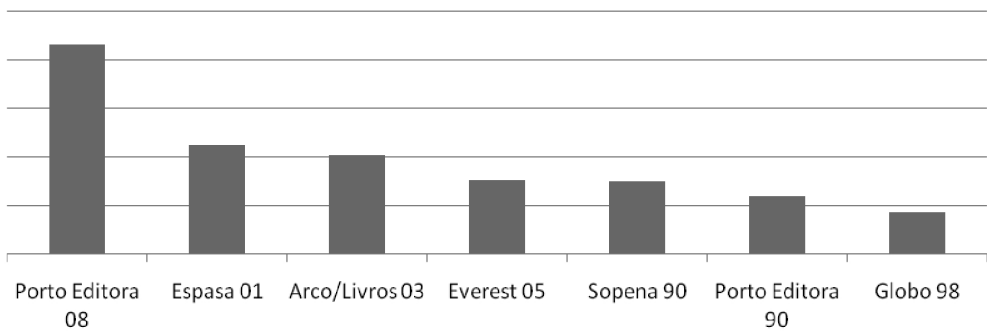


Gráfico 12 - Totais ordenados